3.º Anno — DOMINGO 5 DE JUNHO DE 1910 — N.º 24

CORREIO DO VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

NOTAS LIGEIRAS

EXAMES

D'um interessante artigo do sr. Ladislau Piçarra sobre a utilidade dos exames, publicado na *Lucta*, transcrevemos o seguinte:

«Guiau, no seu livro *Educação e Herança*, diz-nos o seguinte: «O abuso dos concursos, dos exames, dos programmas determinando uma somma precisa de conhecimentos a adquirir para um dia fixo, longe de tender a desenvolver a tenacidade da memoria, tende antes a suprimil-a... O exame, para a grande media dos alumnos, não é outra coisa senão a permissão d'esquecer. O diploma não é muitas vezes de facto senão o privilegio de se tornar ignorante; e e esta ignorancia salutar, que volta por graus após o dia da prova, é muitas vezes tanto mais profunda quanto mais tensão d'espirito o alumno desenvolveu para reunir no dia marcado todo o seu saber, por causa do exgoto nervoso que d'ahi resulta.»

Isto é uma verdade que ninguem ousará contestar. E tambem é verdade que não ha alumno, ao findar o seu exame—se tem a felicidade de se livrar da rapoza—que não sinta um profundo sentimento d'alivio, pela grande carga que se lhe tira do cerebro. Agora mesmo estou a recordar-me d'um estudante que, tendo feito no lyceu o seu exame de philosophia, no qual ficou aprovado, doido de contente, atirou com o celebre compendio de Alves de Souza á parede, umas poucas de vezes. Tal foi o eloquente protesto d'aquelle estudante contra a materia philosophica que barbaramente lhe fizeram ingerir.

Ora, quando um ensino provoca manifestações espontaneas e automaticas d'esta ordem, esse ensino está julgado, e bem julgado. Adeante.

Fallamos dos psycologos que se têm pronunciado contra os exames, mas não citamos ainda senão um auctor. E, todavia, ha muitos que assim pensam. Assim, por exemplo, Augusto Forel expõe-nos a sua auctorisada opinião nos seguintes termos: «O que arruina o cerebro das creanças não é a tensão da actividade attencional, mas o desgosto, o aborrecimento, o esforço esteril feito para comprehender e aprender coisas indigestas, juntas ao receio das punições, dos exames e das más notas. Este peso esmaga perpetuamente os seus sentimentos, estraga a sua existencia e tira-lhes o prazer de aprender.» (L'Ame et le Système Nerveux, p. 115).

J. H. Badley, director da famosa Escola de Bedales, na Inglaterra, exprime-se da seguinte fórma, n'um excellente artigo, publicado em *L'Education*, n.º 4, de 1909—«A fundação das «escolas novas» é um protesto contra esta ideia de que a extensão dos conhecimentos, certificada por exames, é o verdadeiro fim da educação intellectual. Não tem, affirmamos, a intelligencia melhor armada para os trabalhos da vida aquelle que possue a maior somma de conhecimentos theoricos, a memoria mais bem cheia, o maior poder de imitação.»

Basta de citações. O que ahi fica transcripto é sufficiente para nos explicar a acção nociva dos exames, sob o ponto de vista da hygiene mental.

Se lançarmos agora um olhar atento para o que se passa em Portugal; se observarmos de perto as creanças, durante o periodo em que se preparam para o habitual e rotineiro exame, reconheceremos facilmente que a maior parte d'ellas tornam-se, n'essa epocha, fracas, anemicas e nervosas.

O sr. Ulysses Machado, distincto professor em Lisboa, publicou ha pouco n'*A Federação Escolar*, do Porto, um interessante artigo, do qual pedimos venia para transcrever aqui as seguintes linhas:

—«E' ver o que já por ahi vae, sem que a direcção geral d'instrucção primaria lhe ponha cobro, ou os inspectores sanitarios façam valer a sua auctoridade.

«Assim, temos em muitos collegios, para os meninos que devem fazer exame n'esta epocha, explicações das 7 ás 8 1/2 da manhã; aulas das 9 ás 4, e nova explicação das 7 ás 9 da noite, ou seja, em regra, por dia, lição de cerca de 9 horas, mas que lição, santo Deus!»

A IMPRENSA

O facto de archivarmos a carta que segue não significa apenas muita consideração pelos srs. drs. Jayme e Sebastião de Magalhães Lima, mas tambem o desejo de demonstrarmos com factos as affirmações que muitas vezes temos feito a respeito da orientação e processos da maior parte dos jornaes portuguezes:

Aveiro, 25 de maio de 1910.

Sr. redactor de *O Porto* e meus presados camaradas:

Acabo de ler em *O Porto* — e provavelmente outros jornaes deram curso á noticia—, que o sr. João d'Almeida Pinto, hontem fallecido, foi quem *ha 29 annos*, quando se fundou o *Seculo*, e para esse fim, emprestou 50$000 réis a meu irmão, Sebastião de Magalhães Lima, *então chegado de Coimbra a Lisboa, de mal com a familia por ser republicano.*

Não é verdade. Não sei, e pouco importa para o seu caracter, se meu irmão algum dia deveu dinheiro ao sr. Almeida Pinto. Supponho que não; tenho boas razões para o crer. E tenho a certeza de que, quando com outros amigos fundou o *Seculo*, não carecia de dever dinheiro a ninguem. Tinha fortuna sua.

Meu irmão concluiu a formatura em direito em 1875. Esteve depois d'isso em Aveiro até novembro d'esse mesmo anno. Então é que foi morar para Lisboa.

Immediatamente, a 13 de dezembro, falleceu nossa mãe. Teve elle por isso a herança, não pequena, que conservou e de que viveu. Consta ella de um inventario judicial archivado n'esta comarca de Aveiro—inventario feito por minha causa, pois a esse tempo tinha eu dezeseis annos.

Nunca meu irmão esteve de mal com a familia por causa das suas ideias politicas. Nosso pae foi monarchico e temia a exaltação do filho, mas estava longe de antipathisar com as republicas. Liberal de boa escola, sabia quasi de cór a *Democracia na America*, de Tocqueville, e de todo o ponto a louvava e applaudia. A meu irmão chamava, gracejando e sorrindo dos seus ardores, o *cidadão*. Foi além de pae, seu amigo, e até o seu procurador, quando, muito proximo á epocha da fundação do *Seculo*, meu irmão liquidou os bens que em partilha lhe couberam no concelho d'Agueda. Tudo isso meu pae lhe fez e aconselhou, com o respeito que em todos os filhos encontrou, invariavelmente, até á sua morte.

Por este facto se poderá avaliar em que relações meu irmão estava com a familia.

Bastas vezes vejo meu irmão calumniado pela imprensa monarchica, e isso não me afflige, certo de que a dignidade da sua vida póde com as injustiças dos que levianamente o julgam. Mas não me soffre o animo que deixe hoje passar sem o meu protesto mais esta falsidade, que importa um aggravo aos mortos que me são caros, e a toda a minha familia, na qual por velha tradição se guarda o respeito devido ás convicções politicas de cada um dos seus membros, sem a minima quebra de cordealidade que sempre os tem unido.

Antecipando os meus agradecimentos pela publicação d'estas linhas, com muita estima me confesso

De V...

companheiro e am.º mt. grato

Jayme de Magalhães Lima.

VARÕES ILLUSTRES

VASCO DA GAMA

. . . . . .

Quem era Vasco da Gama? De que tronco procedia? Onde nascêra? Que feitos lhe tinham assellado o merecimento, quando el-rei D. Manuel o escolheu por seu primeiro descobridor? É quasi indifferente a prosapia e genealogia para os que nascem, não para se comprazerem ociosos no passado, senão para rasgarem por si mesmos o caminho até á mais remota posteridade. Ha homens que derivam dos seus antepassados todo o merito. São como vermes, que vivem de ossadas sepulchraes. Estes são os que só valem pelo sangue dos avós, sangue já sem hematina e sem globulos vermelhos, sangue obscuro, inerte, incapaz de grandes feitos, sangue de mendigos illustres ou de chatins agaloados. Outros homens ha, que á similhança do Nilo para os antigos, não se acerta dizer d'onde procedem e principiando em berço escuro e nevoento, a pouco trecho cá assombram com o seu nome e dominam com a sua irresistivel superioridade uma inteira civilisação, assim como o rio caudaloso do Egypto, innundando os campos com a sua corrente impetuosa, derrama o seu nateiro fecundissimo na região, por onde corre já distante das nascentes ignoradas. Estes homens não carecem de herdar no sangue o esforço, o genio, a magestade. Elles são ao mesmo tempo o tronco e o rebento, a estirpe e a descendencia. Nasceram para dar nome ás ociosas gerações, de que são progenitores. Uns para valerem, é mister que digam: «Eu descendo de um heroe». Os outros com o nobre orgulho dos que a si mesmos se coroaram, basta que digam: «Da luz, que diffundi na minha epocha, no mundo, em toda a humanidade, ainda uns clarões irão dourar a fronte obscura da familia, que eu fundar». Uns são os que encontraram no berço a purpura, cosida dos retalhos, que ainda restam do manto dos avós. Os outros são os que a souberam talhar com o engenho ou com a espada no estofo humilde e sem valor. Uns são os reis *fainéants*, os magnates de cerebro vasio e de escudo divisado de heraldicas pinturas. Os outros são os Gamas, os Bonapartes, os Newtons, os Laplaces, os Hugos, os Shakspeares, cuja gloria é tão grande e pessoal, que ao mundo absorto e deslumbrado na contemplação de tão intensa luz, não é dado o distinguir em suas stirpes quem antes ou depois d'elles existiu.

Mui pouco hoje consta de escriptores ou documentos ácerca de Vasco da Gama até que ao sahir para o seu immortal descobrimento tomou solemnemente o seu logar na historia da civilisação universal. E é digno de reparo que dos dois mais illustres varões de Portugal, emquanto principalmente aos principios da sua vida, sejam quasi silenciosos os archivos e escassos e obscuros os testemunhos contemporaneos. Camões e Vasco da Gama vivem na memoria da sua patria e do mundo civilisado pelas obras memoraveis, que fizeram, cantando e enaltecendo o vate na grandiloqua epopêa com o seu genio o que o outro em debeis naves emprehendeu e acabou com o seu valor. Da infancia e da puericia de um e de outro são raras as noticias e as memorias. Quando a historia os principia a registar nas suas paginas são já ambos chegados á edade varonil.

. . . . . .

Foi Vasco da Gama de estutura mean, porém de vigorosa corporatura. Á forte compleição respondia cabalmente a impavida fortaleza do seu animo, a constancia inabalavel nas emprezas, o desprezo dos perigos mais instantes, o vigor inflexivel no governo, a severa justiça, em que foi exemplar. Em verdade, no seu trato com os inimigos, á força de ser duro e inexoravel, raiava muitas vezes em cruel. Mas se hoje pomos de um lado na balança algumas de suas mais inclementes represalias contra mouros e gentios, e se estamos a ponto de o condemnar sem remissão em nome da humanidade, ponhâmos na outra concha as circumstancias extraordinarias, em que passaram os seus feitos no Oriente, e venhamos a concluir que a necessidade, as idéas e os costumes do seu tempo em certa maneira o escusaram das cruezas e sevicias, que exerceu. Como navegador foi talvez o primeiro, não sómente do seu seculo, senão de todas as edades e nações desde o primeiro que ás ondas se aventurou. Com elle podem unicamente entrar em parallelo Christovão Colombo, e principalmente Fernão de Magalhães. De navegante foi sem duvida a sua gloria principal. Como soldado e capitão apraziam-lhe mais as pelejas no Oceano do que em terra os mais galhardos feitos de armas. Nunca o vemos como um Almeida, um Albuquerque, ou um Pacheco, desembarcar de suas naus e reptar longe d'ellas o inimigo. O mar era a scena predilecta dos seus brios, a terra, como que um passageiro diversorio, onde apenas repousar das maritimas refregas, ou tratar com os reis orientaes, mais como negociador do que soldado. Quando urgia castigar uma traição ou uma affronta, não saia na praia com os seus bellicosos companheiros, antes recolhido em seus navios, d'ali senhoreava o mar e a terra com as bombardas, ora arrazando as povoações, ora afundindo no Oceano as fustas e os paráos do inimigo.

Acima de todos os homens eminentes, que levaram os baixeis e as armas portuguezas até os mais remotos confins do nosso globo, levanta-se Vasco da Gama, á similhança do mais alteroso cimo do Himalaya, que vê abaixo de si as mais erguidas cumiadas, que sem elle seriam assombrosas serranias colossaes. Toda a acção de Portugal na historia da civilisação está personificada no seu grande soldado navegador, o espirito da patria no Camões, tambem guerreiro e navegante, que ao nome do argonauta enlaçou no seu poema todas as glorias de Portugal

Latino Coelho.

O 1.º CENTENARIO DE ALEXANDRE HERCULANO

Os erros da lenda

Á volta do nome de Alexandre Herculano formou-se uma lenda que não tem raizes na realidade e que, no entanto, mancha de uma vaga sombra o límpido brilho da sua gloria. Tem-se affirmado, com effeito, que o historiador excelso se refugiou no meio das oliveiras, das flôres e das arvores da quinta de Valle-de-Lobos, quando a sua alma de crente e de forte foi invadida por um amargo pessimismo, e ao convivio dos homens, ás relações sociaes, preferiu o isolamento e a paz, na inviolavel quietude da sua thebaida solitaria. Para a sua tristeza, que o fez exclamar com dôr: —«Isto dá vontade de morrer» — teria contribuido o ataque do padre Francisco Recreio e de outros escriptores catholicos á *Historia de Portugal*, em que negou o milagre de Ourique — a apparição de Christo, entre resplandecentes nuvens de ouro e de luz, na victoriosa manhã da famosa batalha onde se iniciaram os destinos d

e

uma patria nova, talhada a montante e a acha d'armas. Ora, esta affirmação não é exacta! Não se explica que um homem da structura moral de Herculano, dispondo de uma vontada que nunca afrouxou e de uma tenacidade que foi o segredo do seu triumpho, pousasse a penna — com que reconstituiu, em pinturas maravilhosas, as épocas de uma civilisação extincta e com que narrou as origens da nacionalidade—só porque apparecera alguem discutindo os seus processos e contestando as suas palavras. Durante muitos annos, Herculano revolveu os tombos e os archivos procurando os documentos para a sua vasta obra, ordenando-os, dispondo-os, systematisando os com uma sagacidade incomparavel e com um puro escrupulo de investigador: e não seriam os ardores d'uma polemica, mesmo ferida com vivacidade ou rancor, que na consciencia de escriptor fariam vacillar a luz da sua fé admiravel e profunda!

Porque foi, então, que Alexandre Herculano renunciou á conclusão do seu trabalho, que tanto concorreu para a sua immortalidade e que é marmore ofbrunido em que o seu nome ficou gravado a lettras d'ouro, em alto relevo? Certa manhã, na sua tranquilla vivenda de Valle-de-Lobos onde os artistas e poetas portuguezes fôram, em saudosas romarias, visital-o, Herculano disse a Guerra Junqueiro:

—Julga muita gente que eu não terminei a *Historia de Portugal*, por um simples capricho. A austeridade da minha vida e o meu caracter não auctorisam ninguem a esses juizos ligeiros. Não completei a *Historia de Portugal* porque me sentia desfallecido, sem forças para essa conclusão. Estava extenuado por uma rude actividade de muitos annos: e o meu cerebro carecia de repouso. Para não realisar uma obra inferior e sem unidade, preferi calar-me! Outros virão mais tarde, com uma energia mental e uma frescura que eu já não tenho.

Guerra Junqueiro está ainda felizmente vivo e poderá confirmar esta revelação que me fez, certa noite, aqui no Porto, durante os vagares de um passeio e no deslisar de uma das suas scintillantes, maravilhosas palestras, em que evocou o espirito nobre e grande d'esse bom cenobita que amava a verdade e que nunca transigiu nem hesitou, mesmo quando teve de investir contra a religião patriotica, justamente como Ranke o tinha feito na Allemanha. A sua phrase «Isto dá vontade de morrer» reflecte, de certo, um dolorido pessimismo e tem sido interpretada como uma renuncia ao combate: mas, quando a formulou, Herculano estava velho, sentia-se resvalar á sepultura e n'essa hora intensa e terrivel, ao fazer o seu exame de consciencia, elle teria visto que afinal todos os ideaes por que batalhara com uma sinceridade sem macula de impureza e com uma viçosa esperança, haviam falhado. Em todo o caso, se duvidou foi dos homens e não da historia, que essa é governada pelas suas leis immutaveis e fataes, e nunca se transvía dos seus illuminados caminhos. E tão fundo era a sua adoração por ella, que esse amor transparece em cada uma das suas paginas consistentes e definitivas—essas paginas que, nas sciencias historicas, são lapidares e que pelo estudo sereno e reflectido das legislações, das artes, da religião, da moral e dos costumes, e pelo vivo desenho dos caracteres e das épocas, reconstituem erguem da sombra dos seculos passados —resurreição esplendida! —socidades mortas, com as suas anciedades, as suas aspirações e as suas tendencias! As figuras levantadas por Herculano tem a elevação espiritual do historiador: na sua rigidez inflexivel ha a rigidez do seu evocador.

O seu verbo, é o verbo nitido e eloquente do moralisador que só falla para formular sentenças! Herculano exerceu, sem duvida, uma poderosa influencia sobre a mentalidade do seu tempo, pela radiação fulgurante do seu genio de historiador, de poeta, de philosopho, de romancista: mas não foi menor a sua influencia moral, que dominou um paiz inteiro e que brilhou com uma claridade translucida.

Ora, os sêres conscientes d'esta grandeza não abdicam. Estão fóra das paixões collectivas, porque são os seus julgadores. O seu acto, deixando incompleta a *Historia de Portugal*, por se saber incapaz de continua-la com o esplendor com que a tinha iniciado, define claramente o quilate da sua honestidade e faz avultar prodigiosamente a sua estatura de homem e de escriptor.

João Grave.

A ALGIBEIRA

Um bello assumpto de compendio de estudo para... ministro da fazenda. A algibeira symbolisa, até certo ponto, a economia ou a ordem economica. E como a questão financeira é essencial, como se impõe á nossa observação — não é assim superfluo que indiquemos a algibeira minhota como documento *imprescindivel* no museu d'uma aula de economia politica...

Antes de ser um elemento de composição ethnographica, no sentido decorativo, a algibeira é (na maioria dos seus modelos) uma bolsa de uso popular. N'ella — cinco réis por cinco réis, economicamente — orçaram-se sempre *grandes* reservas de capital. E isso ao mesmo costume com que em tempos idos as caixas de castanho do bragal provinciano tiveram escaninho ou «falso»; e se fabricaram os mealheiros de barro, em Prado, para os garotos reservarem as esmolas das suas cascatas ao S. João e ao S. Pedro; e, ainda, como os lavradores do norte (desconfiados) mettem á sacca de linho as moedas de compra e venda da feira.

Algibeiras simples—sem lantejoulas e sem bordados — houve-as sempre em todas as provincias d'este paiz, da Hespanha e da Italia, entre os povos ruraes. Entre velhos (ou, melhor, entre velhas) o uso é grande, com grande principio e enraizamento tradicionalista. Velhas ha, mesmo, que as usam diariamente, isto é: sempre, mesmo que o seu destino, aos dias santificados, não seja o do mercado, para comprar. E mais que o povo de qualquer outra provincia usa-as o povo, a mulher minhota — creatura a quem furtar-lhe e desenraiza-la d'um costume é menos facil que vêl-a a tentar uma «Maria da Fonte».

*

Todos os filhos do mundo, ainda mesmo os *filhos das hervas*, teem um tronco natural; como todos os povos teem a sua tradição; e como todas as aguas — ainda as mais obscuras e perdidas — tiveram sua *mãe d'agua*, em sitio de rocha amoravel, que já lhes fica distante. Estas algibeiras tambem possuem familia — ou, melhor genealogia artistica.

E' pena, realmente, que poucos reconheçam n'este *bibelot* regionalista essa outra *algibeira* das mulheres romanas já do tempo de Lucilio, e que o implacavel satyrico com tanta ousadia ridicularisou. Lá viveram, as algibeiras femininas, á maneira do tempo. Creio, mesmo, que já então eram importadas, como objecto de luxo. E com seus fóros de commodismo e civilisação, d'ali correram mundo, correndo edades, transitando sempre (mais ou menos algibeiras), atravez de seculos nos torcicolos engenhosos da moda. O seu fim utilitario e quasi o seu desenho mantiveram-se mais ou menos puros. Até que—da sua usual exhibição exterior,—pelos fins do seculo XVII—passaram quasi em absoluto do costume fidalgo, e vieram recolher-se, d'um modo typico, entre as saias brancas e o saiote d'essa curiosa e constante mulher pobre das provincias do sul da Europa.

*

Como costume regionalista, poucos se conhecem tão delicados — quando a algibeira, a rigor, é facturada como objecto de adorno. O talho quasi em coração, debruado de fita de lã verde ou amarella, as applicações de vidrilhos e lantejoulas e o desenho incorreeto, mas caracteristico, das flôres e folhagens—tudo isso (que é pouco como perfeição, mas muito como perspicacia) marca no adorno da algibeira minhota uma certa graça rude, bravia e maravilhosa de effeitos chromographicos. A algibeira do «costume» de Vianna do Castello, que lhe cabe dentro em peso e medida? Quasi nada! Um lenço rendado e de bordados côr de rosa: um espelho redondo de estanho, para rever o concerto dos cabellos e das rendas do collarete; um frasquinho de *agua de cheiro*, ordinario e ingenuo, vaidoso e de poucas gottas; ou, ainda, o maço dos ganchos, uma medalha de santuario, um rosario da Senhora do Carmo e um ramalhete de mangerico. D'isso tudo alguma coisa apenas. Que a algibeira—seja dito em abono da verdade—é para sómente ser vista tal qual ella é — quer dizer: para ser, sobre uma anca forte, um *bibelot* de gosto!

Outras ha, como disse, que são algibeiras de dinheiro.

A. G.

SECÇÃO LITTERARIA

SUPRESA TERNA

I

Um certo rei do Oriente
tinha um delicioso pagem
de cabellos de oiro ardente,
um rostosinho de imagem.

II

Buscavam damas da corte
as aias e as açafatas
rendel-o de toda a sorte,
com trovas, mimos, balatas.

III

Mas elle, o pagem fransino,
se aqui a lenda não erra...
era mais frio que o alpino
gelo das cristas da serra.

IV

Em certa tarde, as donzellas,
escondidas n'um bosquedo,
viram elle ás furtadelas
beijar um retrato, a medo.

V

De quem seria o retrato
perguntam com arrelia.
Quem amaria esse ingrato?...
E seu amor quem seria?...

VI

Arremessaram-se ao pagem,
cheio de assombro e extranhesa...
e viram que a rara imagem
não era de aia ou princesa.

VII

Tinha a moldura mesquinha,
reles sombras, frouxa luz,
e o rosto o de uma velhinha
que andára a guardar perús.

VIII

Que mostrengo é este?... em côro
gargalharam com desdem.
Torna elle, banhado em côro:
—Era a minha morta mãe!

Gomes Leal.

NOTICIARIO

Fallecimentos — Falleceu, na quarta-feira a sr.ª D. Miquelina Rosa Coelho de Magalhães Vidal, mãe do nosso querido amigo sr. Angelo Vidal a quem acompanhamos, sinceramente maguados, na sua profunda e justificada dôr.

—Falleceu tambem, ha dias, a sr.ª Engracia Marques Leonor, respectivamente mãe e tia dos nossos conterraneos e amigos srs. José de Pinho Leonor e Manuel Nunes de Carvalho e Silva a quem apresentamos sentidos pesames.

Dr. Orlando Rego — Enviamos cordeaes cumprimentos ao nosso presado amigo Dr. Orlando Rego pela bella classificação que obteve no concurso que ultimamente fez, em Lisboa, para delegado do Ministerio Publico.

Aos nossos collaboradores—Por terem chegado tarde ao nosso poder somos obrigados a deixar para o proximo numero alguns originaes, do que pedimos desculpa aos auctores.

Por Horta — Dizem-nos que no visinho logar d'Horta se tem dado ultimamente varios casos, que exigem o intervenção das auctoridades. Procuraremos colher informações completas e exactas e, sendo preciso, trataremos do assumpto no proximo numero.

NOTICIAS PESSOAES

Estadas

Com a sua Ex.ma Esposa, esteve no Porto, na quarta-feira, o nosso amigo sr. Dr. Eduardo de Moura, distincto clinico nesta villa.

Partidas e chegadas

Retirou de S. João de Loure para a capital o nosso presado amigo e correspondente sr. José Rodrigues Correia de Mello.

Anniversario

Completou dois annos a galante Alice, dilecta filhinha do nosso presado amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães.

Casa dos medos

O caso foi assim. Estavam os quatro caturras na salinha do club; dois jogavam o assalto, dois seguiam os movimentos das peças, com muita attenção e em completo silencio.

Uma partida de mestres! Um dos jogadores era capitão de estado maior, imaginem; o outro um logista, ricaço, com pouco que fazer na loja, que entretinha as longas horas vagas com o *assalto* e as *damas* ali sobre o balcão; um especialista. Eram quasi onze horas da noite; noite fria e tempestuosa de dezembro. Isto passava-se n'uma cidade da provincia, na Sociedade da praça, club de gente pacata. A partida estava na crise final; preso um general, os atacantes já tinham perdido sete praças. N'isto entra o camarada, (então ainda não era uso chamar-se impedido), do capitão Osorio, perfila-se, muito atrapalhado, convulso:

— Meu capitão?

— Que queres tu, que é isso? pergunta o capitão, irritado por se ver interrompido no momento decisivo da batalha.

— Estão lá em casa almas do outro mundo!

Todos se ergueram, ninguem mais pensou no general preso, vestindo capotes e gabões.

— Então tu viste as almas?

— Não senhor, mas ouvi-as. Todas as luzes se apagaram.

— Então que ouviste tu?

— Aquillo parecia o inferno; as luzes apagadas, as janellas a baterem, as vidraças quebradas, grande bulha nos telhados.

Estava uma noite fria, chovia em bategas violentas, o vento sudoeste era tão forte que tivemos de fechar os chapeus de chuva; as regueiras transbordavam nas calçadas escuras e escorregadias, raros candieiros da illuminação publica, luzes de petroleo, resistiam ao vendaval.

— Foi talvez algum pé de vento.

— Qual! O vento não atira pedradas.

Eu conhecia o capitão Osorio, encontrava-o na Sociedade, em passeio, nada sabia, porem, da sua vida particular. Era muito versado na historia militar, dedicava-se a cousas litterarias, fazia o seu verso; muitas vezes tinhamos conversado, mas nada sabia do seu viver; imaginava até que ainda estava n'um quarto do Tabaquinho, hospedaria então muito conhecida na rua dos Tres senhores. Elle ia explicando.

Aborrecera-se da vida de hotel; d'aquella estopada de gente a entrar e sair, ás vezes altas horas da noite; d'aquella cosinha trivial; d'aquelles lençoes, d'aquelles moveis, que nunca se sabe a quem serviram. O camarada casou-se com uma cosinheira e elle resolveu então pôr casa. E arrendou barata uma casa onde diziam que appareciam, lá de vez em quando, grandes medos, e por isso era modica a renda. Elle sempre se rira de medos; tinha espada e revolver e o camarada era valente rapaz. Medo? era o que faltava.

A casa tinha quartos independentes, um dos pavimentos tinha alojo para o cavallo, e quintal; foi para a casa e nada surdiu de estranho. Provavelmente aquillo d'almas penadas era historia inventada por alguem que queria mal ao senhorio.

— E a tua mulher? perguntou elle ao camarada.

— Fugiu, foi para casa da visinha; e quando o barulho começou, estava lá fulana, outra visinha, ao lume da chaminé, e fugiu tão depressa que cahiu pela escada abaixo; de mais a mais as luzes apagaram-se ..

Sahimos da escada, descemos a rua do Imaginario, passámos a escura viella de Santa Catharina, e na rua da Ladeira, cheia d'agua, encontrámos o alferes Banha que vinha da ronda. Elle reconheceu o capitão, parou.

— Ha alguma novidade?

— Almas do outro mundo em casa do casa do capitão.

A chuva e o vendaval não consentia cavaco parado. O alferes com a praça que o seguia acompanhou-nos. Chegamos; a porta escancarada, tudo trevas. Entramos todos na loja ou casa de entrada, de chão lageado. Logo um barulho insolito. O cavallo, solto na cavallariça, escouceava, e pulava doidamente. Accendemos phosphoros, subimos a escada; n'um degrau estava partida uma

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Alquerubim, 1

Começaram de novo os trabalhos do caminho de ferro do Valle do Vouga, entre Aveiro e Ponte da Rata, que se achavam parados ha mais d'um anno. Trabalha-se agora na perfuração do tunel da Ponte da Rata, que ficará por detraz da casa da viuva do sr. João Pedro Amador, d'ali, e nos preparativos para as pontes da Taipa, no rio Agueda, Arrujo e Alagoella, em Eixo.

— Em varios pontos do districto d'Aveiro, andam muitos operarios nos trabalhos de reparação das estradas, em virtude dos estragos causados pelos temporaes de dezembro ultimo. Duas das que mais soffreram foram a d'Aveiro á Barra e d'aqui á Costa Nova, as quaes estão construidas na margem da ria, onde os temporaes fizeram estragos importantissimos.

Trabalham ali marnotos no assentamento de torrão, pedreiros na reparação de muros d'enrocamento, mulheres no transporte d'aterros, barqueiros na conducção de pedra, aterros e madeiras para as pontes e carpinteiros nos reparos d'estas.

Uma das que soffre maiores reparos é a Ponte do Paredão na estrada para o Pharol e Costa Nova.

Será o pavimento todo feito de novo e alargado 1 metro do lado do sul, serviço este muito importante e muito preciso, por que a passagem de carros, difficilmente se podia fazer, devido á sua pequena largura, pois apenas tem 2m,60.

É um melhoramento importante e deve-se aos muitos esforços do dignissimo deputado por Braga e Juiz das execuções fiscaes na Alfandega do Porto, o sr. Dr. Manuel Nunes da Silva, natural de Cacia, concelho d'Aveiro, que na ultima epocha balnear teve occasião de verificar a urgente necessidade que havia de se fazer esta obra, ha muito reclamada, mas nunca executada.—C.

Troviscal, 2

Com uma sympathica menina, sua visinha, consorciou-se, na egreja d'esta freguezia, na manhã da ultima terça-feira, o sr. Antonio Marques, aqui estabelecido com officina de serralharia.

Em seguida ao acto religioso, foi servido um lauto banquete aos numerosos convidados em casa da familia da noiva.

Que sejam muito felizes.

— O que por ahi vae, segundo se diz, santo Deus! Principalmente ali para Feiteira, se as más linguas não mentem, é de mais...

Varias *rolinhas* julgando que o mundo se acabava no dia 18 ou 19 de maio, quizeram viver os poucos dias que lhes restavam de vida embalados nos ternos braços de Cupido, e...

Ah! cometa, cometa! Lá irás para onde as pagues...

E dizer-se que elle era a causa do mundo findar quando foi precisamente o motivo do contrario!

—Desde manhã que chove.—*Gil.*

Arrancada, 2

No fim da semana passada deu-se em Vallongo (séde da freguezia) um incidente deveras para lamentar:

Foi o caso que dois rapazes dali—algo noctivagos—Manuel Simões Novo e José dos Santos Pereira, tiveram a infeliz ideia de, n'uma das suas excursões nocturnas, penetrarem na casa onde o pessoal da linha do Valle do Vouga guarda o material e ferramentas.

Uma vez ahi encheram os bolsos de polvora até não poderem mais.

Depois, não se sabe bem como, o magnifico explosivo incendiou-se-lhe nas algibeiras, deixando-os horrivelmente carbonisados no rosto, membros superiores e tronco.

O Manuel Simões Novo parece que está livre de perigo, mas do José dos Santos Pereira—que o explosivo deixou com a aparencia d'um monstro—espera-se a cada instante o desenlance fatal.

—Outra desgraça temos ainda a lamentar, e essa é mesmo neste logar: Manuel dos Santos Verdelha, casado, foi atacado de loucura, causando o facto grande consternação, não só pelo espectaculo deploravel mas tambem e principalmente, porque tem mulher e filhos pequenos a quem sustentava com o seu insano trabalho.

—Chegou do Porto, onde foi soffrer uma melindrosa operação cirurgica a Maria Cantinha ou a «Pisca» como vulgarmente é conhecida.

—E' aqui esperado hoje ou amanhã o nosso amigo sr. Joaquim Gomes d'Almeida e Silva, director do Collegio de Nossa Senhora da Victoria, do Porto.—C.

Azurva, 1

Festejou-se aqui, no dia 16 de maio, o S. Geraldo. Foi uma festa muito simples: missa solemne e sermão. Apesar d'isto, a concorrencia de dovotos foi grande. Muitos vieram na supposição de que o S. Geraldo seria festejado com a pompa dos annos anteriores. Soffreram uma decepção. Que tenham paciencia.

Informaram-nos hoje de que os festeiros resolveram convidar o Padre Salomão para vir prégar aqui, no dia 26, em honra do referido santo.

Não sabemos o que levou os srs. mordomos a tomar esta resolução. Talvez a fama do prégador. Se fazem bem ou mal, só depois de ouvirmos este, o podemos dizer.

—Vindos da capital, chegaram aqui as sr.as Engracia de Rezende e Maria de Rezende, respectivamente sogra e esposa do nosso amigo sr. Antonio Marques da Silva. Infelizmente, a sr.a Maria de Rezende, vem doente, o que sinceramente lamentamos, fazendo votos pelo seu completo restabelecimento.

—Realisou-se no dia 29 o baptisado d'uma filhinha do sr. José Ferreira das Neves. Foram padrinhos o sr. José Simões, de Sarrazola, e a sr.a Hersilia da Conceição, d'Eixo.

—No mesmo dia baptisou-se um filhinho do sr. José Ferreira de Carvalho. Recebeu o nome de Jayme. Foram padrinhos o sr. Francisco Gonçalves da Cruz e a sr.a Maria Tavares da Silva.

—Tambem no dia 5 se deve realisar o baptisado d'um filhinho da sr.a Anna Nunes Marques. Serão padrinhos o sr. Lucio da Costa Santos e a sr.a Maria Nunes Marques.—C.

Agueda, 2

O sr. Joaquim de Mello Pinto Leitão requereu processo crime, por injurias contra a *Independencia d'Agueda*. Será advogado de accusação o nosso querido amigo sr. dr. Orlando de Mello do Rego e de defeza o grande tribuno dr. Alexandre Braga.

O julgamento deve realisar-se brevemente, constando-me que virão d'ahi muitas pessoas assistir á estreia do dr. Orlando.

—Estiveram aqui, ha dias, as sr.as D. Ismenia de Lemos Fiandor, Maria e Luiza Morgado e Maria Zacharias e os srs. Silverio Fernandes, Manuel Rodrigues Fernandes Junior e João Nunes de Carvalho e Silva.

—No Hospital Conde de Sucena está a proceder-se á installação da luz electrica.

Vagos, 2

Encontra-se quasi restabelecido da grave doença que o tem prostrado, o illustre clinico, dr. José Paes dos Santos Graça.

—Consorciou-se na egreja matriz a simpathica lavradeira Maria da Conceição com Adelino João Grave, lavrador. Aos noivos desejamos um risonho futuro.

—Consta-me que vem abrir banca de advogado aqui o sr. dr. Cherubim do Valle Guimarães.

— Afim de assistirem á procissão de Corpus Christi em Aveiro, passaram por esta Villa muitas pessoas d'estes arredores cantando ao som de violas e harmonios. Ao regressarem dançaram, cantaram e fizeram trinta por uma linha.

Gosar emquanto é tempo e quanto mais á perna derem mais musculo criam, raparigas.

— Tive o gosto de abraçar o illustre clinico de Fermentellos, dr. Antonio Roque, que veio vêr o nosso amigo e sr. dr. José Paes dos Santos Graça.

Baptista Cruz.

---

vela de estearina; encontramos mais acima um candieiro d'azeite. Luzes já nós tinhamos. Ouvia-se ruido indeterminado, confuso.

De subito luzes apagadas, grande batida de portas e vidraças, um grande rugido forte, e logo barulho de muitas pedras cahindo nos telhados.

Era o caso.

Passou a rajada; accendemos novamente as luzes, appareceram mais velas. Um soldado foi para a varanda e por uma escada de mão subiu ao telhado. Cada um de nós occupou uma casa; era evidente, a causa dos ruidos era o vento desabrido. Mas não estavam explicados os differentes effeitos. Fechamos as janellas, vidraças e portas de dentro. Novo ruido forte, luzes apagadas, pedradas violentas no telhado.

O soldado que tinha ido para cima do telhado, voltou muito attonito. Não vira pedras, não percebeu que no telhado tivesse caido alguma pedra; as pedradas eram de baixo para cima; sentira bater nas telhas mas por baixo.

O grande ruido vinha do quarto maior, casa quadrada, grande, que tinha telhado independente, de quatro aguas.

Localisava-se o phenomeno. Janellas abertas agora; todas as portas interiores fechadas. Novos ruidos; as luzes ficaram accezas em varias casas, apagaram-se no quarto grande. Ahi ouviu-se um som forte, acompanhado de barulho de pedras, chocando-se com violencia, seguido de rolamento. Reparou-se então no tecto do quarto.

— E' de madeira, é de forro de taboas.

— E' todo de taboas?

— E'. Não é. Vamos a ver; e com uma vara apalpou se o tecto.

Verificou se que era forrado por uma grande moldura de taboas de um metro talvez de largo, mas o centro era de lona pintada imitando madeira.

— Já sei; o vento faz oscilar a lona, ha deslocamento rapido do ar, e isso faz bater portas e janellas e apagar as luzes.

— E as pedras, o motivo das pedradas? A lona parece bem esticada.

— E' preciso ver o que está sobre a lona; ha qualquer cousa entre o seu forro e o telhado. Havia, com effeito; logo pela manhã veio um pedreiro, e levantou uma duzia de telhas, e examinou o grande vão sobre o quarto grande.

Havia um segundo forro. Na primitiva o tecto da casa á moda antiga era de madeira pregada aos barrotes do telhado até meia altura, com seus frisos e grandes molduras; na meia altura armava uma estreita moldura, e o centro era de lona bem pintada, com figuras mythologicas. Arruinou-se esse tecto e o proprietario não querendo gastar no concerto, fez, no vão do madeiramento, a forte guarnição de madeira, e o grande centro de lona pintada simplesmente a imitar taboas. Houve reparos no telhado e os pedreiros deixaram cair, por acaso, pedaços de telhas, porções d'argamassa, que ficaram sobre a lona movida, verdadeiro diaphragma escondido. Com o tempo a lona cedeu e formou bolsa, sem chegar a romper-se. Os pedreiros n'essa obra, lembraram-se de pôr uns agulheiros que ficaram voltados a sudoeste, para arejar o madeiramento.

O sudoeste é raro na localidade, mas apparece ás vezes com violencia. Quando o vento estava norte, ou sul, etc. fraco ou forte, nada havia, não enfiava pelos agulheiros; sudoeste fraco tambem não, mas quando este era fortissimo, então, a pressão n'aquelle systema de vãos, de camaras d'ar, desequilibrava-se.

A velha lona das olympicas pinturas oscilava, creava força e arremessava os fragmentos ás telhas, a lona de baixo seguia o movimento impellida pela massa d'ar, calcava o ar do quarto, e apagava luzes e fazia bater portas e janellas.

Tirada a lona mythologica e as suas pedras, acabaram os ruidos; nunca mais appareceram almas penadas na casa do capitão.

Gabriel Pereira.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscripção aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de substencia.

Transporte . . .	*166$050*
José Rodrigues Laranjeira .	*500*
João das Neves Martins . .	*2$600*
Somma	*169$150*

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ma Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Avelino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisbôa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

ANNUNCIOS

JOSÉ MARIA RODRIGUES, d'Eixo, encarrega-se de funeraes, fornecendo caixões com a maxima promptidão, para todos os preços e para todos os gostos, e côroas de flôres artificiaes, além de muitos outros artigos funerarios.

INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PAO

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

PHARMACIA ARISTIDES DE FIGUEIREDO

EIXO

SERVIÇO PERMANENTE

Esta nova pharmacia, modernamente montada, encontra-se, desde já, habilitada a poder aviar quaesquer prescripções da antiga ou moderna therapeutica.

Grande reducção de preços, a prompto pagamento.

A B C Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

Padaria

Trespassa-se a padaria sita em Villa Nova de Gaya, rua dos Polacos n.º 1. Está muito bem afreguezada, cosendo tres sacas de farinha por dia.

Trata-se na mesma rua e n.º

Pedimos aos nossos obsequiosos assignantes o favor de nos prevenirem, sempre que mudem de residencia ou quando não recebam o jornal.

IZABEL MARIA D'ARMADA, FILHOS

Machinistas

302, Rua do Almada. 304—**PORTO**

Antigo e bem conhecido estabelecimento de machinas de costura dos melhores auctores, garantidas.

Machinas Cöhler, Bobina-Central, Oscilante, Vibrante. Systemas: Singer, White, Phoenix, Howe, Jones, etc., etc., para, familias, costureiras, alfaiates e gaspeadeiras.

Grande sortido de peças soltas para todas as machinas antigas e modernas; agulhas de 1.a qualidade, correias, almotolias, desandadores, borrachas, lançadeiras, canellas e mais accessorios.

Officina mechnica para concertar machinas de todos os auctores. Fabrica e deposito de escalas para alfaiates.

PREÇOS RESUMIDOS

Prevenimos os nossos obsequiosos assignantes de Manaus (Brazil) de que está encarregado de mandar fazer a cobrança o sr. Domingos Tavares da Silva Junior.

A todos, desde já, os nossos mais vivos agradecimentos.

Bibliotheca Humoristica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a explora: ção, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-á o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL
DE
Gomes de Carvalho, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis

LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS

ESCOLAS PRIMARIAS

(Illustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Deposito de Material Escolar

Modelos aperfeiçoados de: Carteiras, Caixas metricas, Contadores etc. Espheras terrestres e armillares.

Museu escolar e Mappas Geographicos.

Preços muitos reduzidos

Para festas das creanças

Puerilidades

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Nlaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição . . . 100 reis

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho---Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.

A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão, 2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) **A Razão dum Padre.** Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

PORTO

TYP. DE A. F. VASCONCELLOS, SUC.

51, Rua de Sá Noronha, 59

Esta officina encontra-se em condições de executar todos os trabalhos typographicos

MAPPAS, OBRAS DE LIVRO, BILHETES DE VISITA E DE ESTABELECIMENTO, THESES, FACTURAS, ROTULOS DE PHARMACIA, JORNAES, ETC.

Officina de encadernação — Carimbos de borracha

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administração:
R. de S. Miguel, 36--PORTO

3.º ANNO—N.º 24

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

Portugal—anno	1$200
« —semestre	600
Africa —anno	1$500
Brazil —anno—(moeda forte) .	2$200

PUBLICAÇÕES

Annuncios, por cada linha. .	10 reis
Communicados, cada linha. .	20 »

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Exm.º Snr.

.....

.....